

VIDA INTELIGENTE



Desamor e gravidez na adolescência

Todos os dias, 12 raparigas entre os 12 e os 19 anos dão à luz em Portugal. Engravidam *quase sem querer*, não por falta de informação, mas porque sentem «falta de amor e de carinho» no seio da família. Esta é uma das conclusões do livro *Aquela Pequena Vírgula É Meu Filho!*, da socióloga Dina de Carvalho, nas livrarias, desde a semana passada.

TEXTO DE CARLA AMARO

FOTOGRAFIA DE LEONEL DE CASTRO/GLOBALIMAGENS

A gravidez na adolescência é um fenómeno com grande expressão em Portugal?

— A dimensão deste fenómeno é enorme em Portugal. Todos os dias, 12 adolescentes dão à luz no nosso país. No ano passado, 4347 raparigas entre os 12 e os 19 anos decidiram levar a gravidez até ao fim. Mas em 2008, o número foi mais alto, 4844, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística de 2012.

Tem mais expressão cá do que noutros países europeus?

— Digamos que tem uma expressão visível em Portugal. Na União Europeia, temos a oitava taxa mais elevada. Em todo o caso, e embora continue alto, o número de gravidezes na adolescência no nosso país está a diminuir. Só para ter uma noção deste fenómeno a nível mundial, deixe-me

acrescentar que 11 por cento dos 15 milhões de crianças nascidas anualmente no mundo são filhas de raparigas adolescentes, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS).

Com que idade, em média, os jovens portugueses começam a ter relações sexuais?

— No estudo apresentado, a média situava-se nos 13 anos.

Para o acompanhamento médico pré-natal, as raparigas aparecem no hospital sozinhas ou acompanhadas?

— Todas as grávidas adolescentes alvo do estudo iam acompanhadas, quer pelo namorado quer pela mãe e, interessante frisar, uma pelo pai.

Faz ideia de quantas gravidezes foram interrompidas?

— Esse não era o objeto do estudo, no entanto, posso dizer-lhe que, durante a minha investigação, apenas encontrei uma menina que foi a uma consulta de ginecologia com a intenção de poder vir a interromper a gravidez.

Qual é a idade média das adolescentes grávidas?

— A grávida mais jovem que entrevistei tinha 13 anos. A média do meu estudo situava-se nos 15 anos. Mas, atenção, não se trata de um estudo representativo.

Como é que as adolescentes reagem quando descobrem que estão grávidas?

— Uma parte considerável das jovens não planeou a sua gravidez, pelo que as reações mais comuns passaram por surpresa, perplexidade, arrependimento e



DINA DE CARVALHO

Socióloga e investigadora integrada do CICS, Centro de Investigação em Ciências Sociais da Universidade do Minho, fez uma tese de doutoramento sobre o fenómeno da gravidez adolescente em Portugal, que acaba de ser publicada no livro *Aquele Pequena Vírgula É Meu Filho!* - A Experiência da Gravidez na Adolescência.

VIDA INTELIGENTE

DINA DE CARVALHO

«*As jovens parecem agarrar-se aos seus bebés como a um novo projeto de vida. A gravidez torna-se um fator de preenchimento afetivo.*»

desespero. E também medo, desconforto, negação.

Têm mais medo de quê, de terem um filho tão novas ou da reação dos pais?

— Há uma série de questões que colocam a si próprias quando descobrem que estão grávidas. *Como vou contar aos meus pais? Será que vão aceitar? Como vou contar ao meu namorado e à sua família? Será que o meu namorado vai ficar comigo? Como vai ser o futuro? Mãe, o que é que vou fazer?* Nesta fase, é natural que possam surgir sentimentos contraditórios em relação à vinda de um bebé. **O que é que uma gravidez precoce pode denunciar na vida destas meninas: falta de informação, dificuldade no acesso aos métodos de contraceção, problemas em casa?**

— Incidindo sobre os temas família/amor/afeto e vinculação, interessava-nos sobretudo aferir a envolvimento e a intensidade de afetos destas meninas-mães, em especial a sua vinculação aos pais. Pelos relatos que ouvi, posso dizer que era muito débil. Algumas nem sequer tinham esta vinculação, amor, carinho... Quanto à informação, todas disseram saber da existência dos métodos anticoncecionais. Até tomavam a pílula ou usavam o preservativo, mas muitas delas cometiam erros na sua utilização. Apenas uma menina de etnia cigana não tomava, porque acreditava que «a pílula seca o útero».

Que efeito tem a gravidez na vida delas? Existe a sensação de um futuro comprometido?

— Após o choque inicial de confronto com a gravidez, muitas adolescentes afirmaram que já não era a gravidez que as assustava ou angustiava, mas o momento do parto, a maternidade e o futuro do bebé. As jovens, na sua maioria, parecem agarrar-se aos seus bebés como a um novo projeto de vida. A gravidez torna-se um fator de preenchimento afetivo e um aspeto central da reconstrução da vida familiar e social. O desfecho desse processo depende, por sua vez, da capacidade de encontrar na sua própria família ou na do seu companheiro/namorado, nas redes de amizade ou mesmo

na procura de ajuda profissional, os apoios necessários a uma sempre difícil e precoce passagem à condição de adulta.

E como reagem os pais à gravidez das filhas?

— A rede de apoio e as relações significativas na matriz familiar assumem uma pertinência particular perante um episódio de gravidez na adolescência. Contudo, a expectativa de receber demonstrações de amor, segurança e carinho que levassem a um estreitamento e reforço das relações familiares não foi realizada na maioria das famílias das jovens entrevistadas. Falta-ram cuidados e proteção a muitas das nossas Carolinas, Ritas, Joanas, Beatrizas, Mafaldas...

Das setenta adolescentes que ouviu, alguma quis interromper a gravidez?

— Não, todas elas queriam ficar com os seus filhos. Agarraram-se a eles como a um projeto de vida.

São apoiadas pela família e pelos namorados ou sentem-se sozinhas e abandonadas?

— A maioria sente falta de carinho e afeto. Aliás, a maior parte das adolescentes

que engravidam fazem-no devido à falta de amor e de carinho. Os pais dos bebés acompanhavam as namoradas, este envolvimento é fundamental aos desafios da parentalidade e na adaptação da adolescente à gravidez. Encontrámos apenas um caso em que o pai do bebé mal soube da gravidez afastou-se. O estudo considera fundamental o envolvimento sistemático do pai do bebé nos desafios da parentalidade. Estas meninas engravidaram «quase sem querer», sobretudo porque precisavam de alguém que lhes desse amor, atenção, companhia e segurança.

E como vivem a gravidez?

— A vivência da gravidez parece ser mais complexa nas adolescentes sem uma relação afetiva estável, devido a uma série de fatores associados à família, aos amigos e ao meio social. As adolescentes que apresentavam uma relação estável parecem ter encarado com menor ansiedade e menor preocupação a gravidez. Mas são frequentes as manifestações de sentimentos negativos, tais como a vergonha, o medo e a raiva.

Que papel tem escola neste processo e que papel deveria ter?

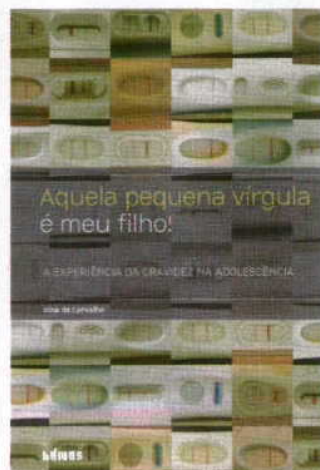
— O início de aulas de educação sexual nas escolas e os métodos anticoncecionais podem ajudar a combater este fenómeno, mas é preciso que sejam aplicados em todo o lado, porque o acesso aos métodos anticoncecionais não é o mesmo numa pequena aldeia e numa cidade.

Existem apoios sociais para estas jovens?

— Sim, existem alguns apoios. Por exemplo, o Atendimento e Encaminhamento das Crianças em Risco, nos Estabelecimentos e Serviços do Sistema Nacional de Saúde.

E depois de a criança nascer? Ficam sós, com o filho nos braços?

— Até à altura do parto, as jovens estavam com o pai da criança. Apenas uma menina ficou ao cuidado de uma tia. Mas este estudo não pretendeu ser representativo. Sei de casos de meninas que ficaram em lares. ●



A tese de doutoramento
da socióloga Dina de Carvalho.
Edições Húmus, 131 pp.